

Notícias de Guimarães

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

ANO 19.º N.º 977

GUIMARÃES, 8 de Outubro de 1950

Redacção e Adm., R. da Rainha, 55-R Tel., 4313

Comp. e Imp., Tip. Ideal. Tel., 4381

VISADO PELA CENSURA

— AVENÇA —

S. João de Deus Canonização dos Santos Juntas de Freguesia

A excelsa personalidade, a prestigiosa figura de João de Deus, emoldurada de fulgor santificante, de brilho ascético, de esplendor e imarcescível glória, símbolo, imagem viva de imperecível apostolado — o da Caridade, do amor do próximo — transcende os limites da Pátria, porque universal é a veneração, o culto, o mais acrisolado fervor que justamente lhe consagram.

As solenidades que se estão a efectivar em Portugal em comemoração do quarto centenário do falecimento do glorioso Patrono dos Irmãos Hospitais, dessa legião de virtuosos que nos estabelecimentos de assistência dão lenitivo e alívio às almas enfermas, provam eloquentemente que S. João de Deus é, na expressiva asserção de Pio XIII, «modelo brilhantíssimo de singular penitência, de contemplação das coisas divinas, de extrema pobreza e obediência perfeita».

Só assim se justifica e legitima o brilhantismo de que se têm revestido as cerimónias rituais e litúrgicas em honra do Santo Português.

A nomeação, em bula apostólica, do Cardeal-Patriarca de Lisboa, como Legado Pontifício nas comemorações, demonstra a larga projecção, a universalidade da alma-eleita que é João de Deus.

O humilde pegureiro de Montemor que apascentava rebanhos nas tórridas campinas do nosso Alentejo, novo ainda, faz-se apóstolo da Caridade e em Granada ergue hospitais, ampara os doentes, acarinha-os, e é o seu braço, o seu arrimo, o seu bordão!

Sublime, lídimo apóstolo! As doces palavras que dirigia aos enfermos eram bálsamo, consolação e esperança.

Ele é, pois, uma das mais fúlgidas glórias do nosso agiologio. Ao perpassar o quarto centenário da morte do virtuoso montemorense, fôra felicíssima a ideia de trazer a Portugal as suas relíquias venerandas.

O povo, crente e bom, poderá assim beijar, num ósculo da mais acrisolada fé e devoção, o relicário sagrado, qual tabernáculo de virtude e piedade.

Prof. Joaquim Martins Lima.

Atenção à 4.ª página.

Desde o dia em que este Semanário surgiu à luz da vida e já lá vão 20 anos, tomamos o compromisso, não só formal, mas íntimo, com os nossos leitores, de não agredirmos pessoa nenhuma, de não beliscar na honra ou fama de ninguém, de não levantar questões irritantes que fossem colidir com as ideias de quem quer que fosse que se defendesse com convicção e muito menos ferir os sentimentos religiosos de alguém e sobretudo dos católicos em cujo número nos contamos.

Se aqui se têm levantado questões que possam de qualquer modo relacionar-se com a religião, cremos nunca ter ofendido o dogma nem desrespeitado as autoridades eclesiásticas, quando nos ditam as suas leis. Poderá um ou outro nosso colaborador ter-se mostrado mais vivo nas suas discussões, mas sempre sobre o que escreve com o seu nome ou pseudónimo, tornando-se responsável pelo que diz perante nós e os nossos leitores e ainda nenhum caiu debaixo da alçada das censuras eclesiásticas aplicadas por quem tem o direito de o poder fazer. Se algumas coisas temos estranhado, tem sido apenas atitudes de homens e precisamente quando estes se desviam do cumprimento dos seus deveres ou das práticas que nos ensinara Jesus Cristo.

Contudo, para não cairmos em possíveis deslizes, procuramos informar-nos da verdade, recorrendo a quem nos completasse o nosso conhecimento sobre verdades ou direitos no que respeita a assuntos eclesiásticos. Vamos dizer aos nossos leitores o que há, quanto à canonização dos Santos, sem fazermos qualquer comentário e por aqui cada um pode calibrar as ideias que porventura possa ter sobre tão interessante e grave assunto.

Canonização dos Santos

Desde os primeiros tempos da Igreja e em especial depois do século II, quando os Cristãos começaram a ser perseguidos, houve muitos destes que pagaram com a vida a confissão da sua fé. Alguns sofreram martírio atroz, suportando todos os suplícios com a máxima coragem, tornando-se notavelmente admirados pelos seus irmãos em religião.

Os homens sempre tiveram a propensão de glorificar e honrar os que deram o seu sangue em defesa de uma ideia. O pagão rendeu culto aos seus heróis e ainda hoje há consagrações para os grandes varões.

O Cristianismo também, desde os primeiros séculos, prestou homenagem aos seus mártires, mortos em defesa da sua crença.

Este culto começou nas catacumbas, onde enterravam os seus mártires, levantando altares sobre os seus sepulcros, onde celebravam os mistérios, rogando a Deus e obtendo graças por intercessão destes. Amainadas as perseguições, construíram templos em Roma em sua honra e para lá transportaram as suas relíquias, continuando a venerá-las aí.

A memória deste culto prestado aos santos mártires e apóstolos pelos primeiros Cristãos e a invocação do seu nome durante os mistérios, chegou até nós no Cãnon da Missa, onde ainda hoje se nomeiam os nomes dos primeiros mártires, pedindo-se a Deus graças pela invocação do seu nome, no «*Communicantes*» da Missa. Isto explica a origem da palavra «*canonização*» para exprimir a declaração de santidade dum fiel cristão.

Foram portanto as canonizações dos primeiros santos feitas por devoção do povo, sem a preocupação de qualquer intervenção formal dos bispos ou do Romano Pontífice.

Sendo assim não é de admirar que se pudessem dar anormalidades, enganos e abusos, especialmente quando o ardor da fé foi arrefecendo, e fossem contados no número dos Santos varões que, embora de bons costumes, não tinham

contudo aquele grau de santidade que pudesse fazer deles um modelo a imitar.

Além dos mártires, outros varões notáveis foram canonizados, pelo seu ardor em prègar e proclamar a fé.

Para terminar com este estado perigoso das coisas, foi preciso que o direito de canonização passasse para os Bispos. Foi S. Cipriano, com a sua energia santa, que mais lutou para acabar com o processo até então seguido.

Desde então não se poderia prestar culto a qualquer varão sem que o bispo procedesse a um rigoroso inquérito acerca da sua vida, dos seus costumes, do modo como havia suportado o martírio, respostas dadas aos algozes, milagres feitos, etc.

Estes santos, porém, só tinham culto na própria diocese e para o terem nas outras era necessário que os seus bispos concordassem.

Em Roma foi aberto um registo donde constava o nome e vida de todos os mártires canonizados, ao qual se deu o nome de «*Martirologio*» cujo nome ainda se conserva.

A liturgia ainda hoje manda que, à hora de Prima, em todos os cabidos, se leia o Martirologio daquele dia.

Esta situação durou até ao século XII. Foi Alexandre III no ano de 1159 e mais tarde Inocêncio III em 1200 que re-

Conclui na 4.ª página.

SONHO SACRÍLEGO

*Eu fui à meia noite ao Campo Santo
Conversar com a Morta à sepultura.
Um silêncio de gelo, horror, espanto,
Caía sobre mim da própria altura.*

*Disse-lhe os meus tormentos, tudo quanto
Me fez viver de tédio e de negrura,
Que tive a impressão de ver o pranto
Molhar sua caveira de amargura.*

*Depois tive a impressão de ver quietos,
Em derredor dezenas de esqueletos,
Atentos a escutarem minhas falas...*

*Acordei assombrado de emoção
Por ver, mesmo acordado, a multidão
A recolher de dor às suas valas...*

DELFINO DE GUIMARÃES.

IMITAÇÕES

Por Ludovina Frias de Matos.

Nunca como agora se sentiu a crise de originalidade. Encontramo-nos na época das imitações. Das imitações e dos imitadores. Os imitadores fervilham com aflitiva pluralidade.

No palco não há género que tanto caia no gosto do público. Um bom imitador, destes que imitam bem o Vasco Santana ou o António Silva, a chegada do comboio ou a partida do avião, é número certo. O imitador agrada em cheio, a assistência delira, desunha-se a bater palmas, pede bis, pede triz...

E vem o teatro abaixo com a tempestade de aplausos cuja repercussão anima extraordinariamente o futuro da bilheteira!...

Isto acontece com os imitadores encartados e com os imitadores encapotados.

Já repararam?...

Fala-se muito de personalidade, exalta-se a personalidade, apregoa-se aos quatro ventos que é indispensável criar personalidade própria e respeitar a personalidade alheia, e afinal só se trata de deformar a personalidade própria.

Conclui na 4.ª página.

OS LIVROS E A ARTE DE LER

Pelo Dr. José de Figueiredo Vasconcelos.

A meu filho António Carlos.

IV

Já estabelecemos o contraste entre a leitura activa — escola viril, de energia e de vontade e a leitura passiva que nos arrasta à superficialidade, à submissão servil, à preguiça mental com todas as suas consequências prejudiciais, com a infracção das leis da memória e do pensamento.

Nem toda a gente sabe ler ou apreciar devidamente a leitura, e esta é, na verdade, o mais útil de todos os exercícios, o mais importante de todas as artes. Com razão diz Chavigny, «*a pessoa que não sabe ler, nem tirar proveito das suas leituras, é um ser imperfecto que pouco ou nada tirará a limpo de toda a sua vida*». Os gregos, lembra Montaigne, distinguiram os bárbaros pelo facto de não saberem ler, nem nadar.

Convém, pois, aprender aquilo que os pedagogos costumam designar por «*arte de ler*». Sai-se geralmente da escola primária sem conhecer os lineamentos dessa arte. Assiste-se, por isso, nos exames, ao salmodiar de frases de que se desconhece o sentido, à entoação de períodos a que faltam o ritmo e a expressão. Sabeis por que motivo o grande orador Demóstenes era apupado pela população, as primeiras vezes que falou nas Assembleias do povo? E que não sabia ler, não sabia as leis da oratória, não sabia dar a voz a inflexão, o tom, o movimento desejados, não sabia salientar o valor expressivo de cada elemento, de cada oração. Foi o cómico Sátiro quem o salvou nestas conjunturas, indo ele a caminho da casa com a cabeça coberta e profundamente consternado.

Ensinou-lhe a recitar uns versos de Eurípedes e de Sófocles e dessa maneira pareciam-lhe totalmente diferentes.

O que impressiona, portanto, não é bem o que dizemos, mas o modo como o dizemos.

O crítico não faz outra coisa senão mostrar o valor da obra literária, pela sua leitura inteligente, notando as belezas estilísticas, o

sentido das palavras, a força sugestiva dos vocábulos.

E' uma arte difícil a arte de ler. O poeta alemão Goethe, em 1850, nos últimos anos da sua vida, dizia ao seu secretário Eckermann: «*Aprender a ler é a mais difícil das artes. Dedicuei-me a isso oitenta anos e não me posso dar por satisfeito*».

Valerá a pena entregarmo-nos a esse estudo?

Evidentemente que sim. Dele depende a nossa vida intelectual, o bom êxito dos negócios, o triunfo na vida. Não esqueçamos que nunca o livro se há-de sobrepor ao nosso espírito. Não leia; pense! — exclamava o filósofo Schopenhauer aos seus amigos. Queria ele dizer

Conclui na 2.ª página

Data histórica

Na quinta-feira completaram-se precisamente 40 anos sobre a data do advento da República no nosso País, facto que nos cumpre registar, pelo seu alto significado histórico e patriótico, ao mesmo tempo que prestamos homenagem a todos quantos souberam lutar em prol do seu ideal.

As águas de Guimarães

Consideram-se prontas as instalações da condução das águas, vindas do rio Ave, com destino a Guimarães.

Faltam, apenas, como é velho costume burocrático, as inspecções tardias dos serviços técnicos nacionais. Tenhamos paciência.

Vai proceder-se, no próximo dia 15, à eleição das Juntas de freguesia, assunto sobre o qual nos propomos fazer algumas considerações com a única intenção de manifestarmos a nossa opinião acerca desse acto, que não é tão banal como certas pessoas o consideram. As Juntas de freguesia são, conforme o que se encontra expresso no Código Administrativo, os órgãos da administração paroquial e, portanto, cada uma dessas Juntas representa — assim o diz também o referido Código — o corpo administrativo da respectiva freguesia.

Verifica-se, assim, que, quer como órgão da administração paroquial, quer como corpo administrativo da freguesia, se trata de uma entidade que requer a atenção do eleitorado, mas sobretudo a dos cinco eleitores que, nos termos do parágrafo 3.º do art.º 228.º, fizeram a apresentação das listas, de cada uma das quais constarão seis nomes — três para efectivos e três para substitutos. Evidentemente, que os nomes propostos em cada freguesia deverão ser os de pessoas que se encontrem em boas condições de desempenhar esse cargo, isto é, que essa escolha deverá recair em pessoas que possuam as qualidades necessárias para poderem e saberem pugnar pelos interesses da sua paróquia e coadjuvarem, dentro do possível, a Vereação Municipal. Porém, a experiência tem demonstrado, infelizmente, que nem sempre assim tem acontecido, ou por falta de competência dos seus membros ou por negligência dos mesmos. Num ou noutro caso, são prejudicadas as aspirações dos respectivos habitantes e desse modo as Juntas que assim procederem apenas concorrerão para a continuação do retrocesso, em vez de promoverem o contrário, e, em face disso, a sua acção não só se tornará perniciososa, mas também anti-patriótica, visto que será considerado como falta de patriotismo o facto de não corresponderem aos desejos da própria Nação. De resto, as atribuições das Juntas de freguesia, expressamente definidas nos art.ºs 253.º e 254.º do Código Administrativo, são de grande amplitude e permitem-lhes desenvolver uma acção acentuadamente bairrista e genuinamente nacional. Em matéria de Assistência, por exemplo, as suas atribuições são (Art.º 254.º do C. A.) as seguintes:

- 1.º — Promover, solicitar e distribuir socorros pelas pessoas necessitadas da freguesia, previamente inscritas no respectivo recenseamento;
- 2.º — Promover o repatriamento dos indigentes estranhos à freguesia;
- 3.º — Proteger as crianças pobres, promovendo a criação e o auxílio a postos de protecção à maternidade e à primeira infância;
- 4.º — Estabelecer cantinas junto das Escolas primárias, aulas de ginástica infantil e colónias de férias e subsidiar as existentes;
- 5.º — Fiscalizar o tratamento dos expostos, desvalidos e

abandonados entregues a amas da sua freguesia, participando às Câmaras e às Autoridades Sanitárias, de quem haja recebido instruções, as faltas que notar;

6.º—Solicitar das Autoridades providências para os casos de calamidade pública, internamento de alienados e condução de enfermos para os Hospitais, quando não tenham recursos para ser tratados em casa, e promover a organização de postos de socorros urgentes;

7.º—Subsidiar, de harmonia com a informação dos respectivos professores, estudantes pobres da freguesia que pretendam frequentar Escolas Técnicas, mas somente enquanto revelem zelo e aptidão.

Para o desempenho destas e de outras atribuições de diferente natureza, o mesmo Código lhes indica (art.º 255.º) até onde poderá ir a sua competência. Como se vê, o problema da assistência pública poderia caminhar mais aceleradamente para a sua solução, se cada Junta de freguesia procurasse empregar esforços nesse sentido e ao abrigo das atribuições que lhe são conferidas para esse fim. No entanto, em Guimarães não temos conhecimento de que seja elevado o número das que têm promovido condigna acção assistencial. Pelo contrário, sabemos que são poucas as que não têm descurado esse sector da vida social e para elas vão, nesta ocasião, os nossos sinceros votos de felicitações e os nossos ardentes desejos de que continuem no comando dessa modalidade de administração local. Quanto às outras, isto é, àquelas que se têm limitado a passar atestado de pobreza ou de indigência—e, porventura, contrariando, em certos casos, disposições legais—recomendamos que recompensem no futuro o comodismo e a indiferença com que procederam no passado. Se assim acontecer, o progresso do concelho de Guimarães tornar-se-á mais efectivo e todos os vimaranenses saberão ser gratos a essa dedicação e a esse esforço. Encontra-se na Presidência do Município um ilustre Filho desta terra e é preciso que não lhe falte a cooperação leal, sincera e eficaz das Juntas de freguesia, a fim de lhe facilitar, tanto quanto possível, a sua missão como timoneiro da Administração Municipal, à qual se tem dedicado com o maior fervor e o maior entusiasmo, justiça que os vimaranenses lhe devem fazer, tanto mais que todos têm conhecimento da obra já realizada por sua ex.ª. Nós sabemos que há quem deseje mais e também não ignoramos que o Concelho de Guimarães ainda se encontra bastante distante do grau de prosperidade a que deveria ter chegado relativamente a outros para os quais o patrocínio da sorte tem sido uma expressiva e indelével realidade. Todavia, isso não deverá constituir suficiente argumentação para desvalorizar o muito que há a esperar de quem tem revelado qualidades de competência, de trabalho, de persistência e até de rigoroso escrupulo no desempenho das suas funções. Por isso, tudo leva a crer que os melhores dias que todos desejamos para o progresso de Guimarães irão chegando pouco a pouco, uma vez que não se pode fazer tudo numa única empreitada.

Para já, temos diante de nós a projecção da orientação seguida pelo sr. Presidente da Câmara, assim como deveremos ter animadoras esperanças de vermos realizadas as aspirações, aliás justas, dos vimaranenses que querem ver

S. Frey Gualter de Guimarães

Pequena resenha histórica — Apointamentos

VI — Documentos

(Continuação do n.º 976)

VII — CULTO

Escrevo hoje, 4 de Outubro — Festa do Seráfico Patriarca S. Francisco — o artigo com que encerro a 1.ª parte — «Documentos» do estudo que sobre «S. Frey Gualter de Guimarães» principiei a publicar, aqui, há um mês — 3 de Setembro findo — e dou início à 2.ª parte (que deveria, antes, ser a 4.ª num estudo mais demorado, suprimindo, assim, a 2.ª «Escritores» e a 3.ª «Milagres», que tão de muito valor convinha publicar. E assim é de interesse dar a conhecer o que sobre o que no meu V — «Documentos» — disse e que vem a completar o «Documento» / «Extracto» publicado no último (N.º 976), de 1 do corrente, na referência à (...*faculdade apostolica com beneplacito regio...*). Para isso acrescentarei, que em 25 de Julho de 1785 — 6 anos aproximadamente depois que a antiga Confraria de S. Gualter «...aprovada e confirmada pelo Papa Gregório XIII, que governou a Igreja desde o ano de 1572 até o ano de 1585» se desenvolveu (?) e adoptou a designação de Irmandade (Estatutos de 1777 — III — «Documentos» no N.º 974, de 17 de Setembro findo) — 6 anos, depois, — dizia — a Mesa da Irmandade deliberou «...que neste presente anno (1785) se fizesse hum Triduo á festivid.º do mesmo S.º attendendo alcançar-se da Sé Apostolica hum breve de Indulgencia plenaria no dia mesmo S.º (S. Gualter, em dia 2 de Agosto)...» (?)

Se houvera de dar notícia histórica mais desenvolvida tanto quanto os numerosos Escritores em suas obras trataram do Culto de S. Gualter de Guimarães, alongar-se-ia muito esta «Breve Resenha histórica». Partindo da «...cronica latina do século XV» já citada, até à Revista de Guimarães no «Ensaio biográfico» de «Th. G.», haveria mister ir buscar a série de Autores que durante 600 anos — (e quase século a século nos aparecem em diferentes anos) — se ocuparam do Nosso Santo Padreiro de Guimarães.

Há, e bem importantíssimas, tão continuadas afirmações permanentes por geralmente aceites desde os séculos XIV e XV, que uma ou outra discrepância de um que outro Autor, não só não tem grande interesse em ser aqui indicada, mas que, em minha opinião, nos vem dizer quanto a vida, milagres e culto de S. Frey Gualter de Guimarães foi estudada por bastantes Escritores em diferentes fontes de segura informação e em vá-

prestigiada a tradição da sua terra, assim como a sua categoria. Oxalá que esses anseios sejam satisfeitos e que as novas Juntas de freguesia contribuam para esse fim, dispensando ao sr. Presidente da Câmara todo o seu concurso, em vez de lhe criarem aborrecimentos e dificuldades. Quem aceita encargos, ou o faz com a intenção de cumprir, o melhor que puder, as atribuições inerentes aos mesmos ou, então, aceita-os sem ter a noção das responsabilidades que assume e, neste caso, sujeitar-se-á a passar à categoria dos inconscientes. Em boa verdade, não poderá haver opinião em contrário.

rias épocas, o que lhes dá grande valor de credibilidade e de seriedade sobretudo àqueles que com mais cuidado e longamente porfiaram alcançar a verdade histórica que procuravam.

Vinha, depois, dar, desde os anos mais longínquos, talvez pelos meados do século XIII, o local aonde o culto de S. Frey Gualter de Guimarães foi estabelecido (e como?), as mudanças que houve e as razões delas, até se fixar no «altar do Descendimento» (V — «Documentos»); «Imagens-relicários»; a relação (tão completa quanto possível e quanto possível a identificação cuidadosa de cada um dos milagres e mais graças recebidas por sua intercessão, — de que há notícia nos Escritores e o testemunho material no Cruzeiro do Padrão do Salado), e (existentes como tais) dois quadros de madeira com pinturas a óleo (um bastante deteriorado) — e quantos se não terão perdido (como as Relíquias) ou andam dispersos — Deus sabe por onde — etc., etc. — o que nem o tempo nem o espaço permitem seja feito aqui porque, demandando a maior circunspeção, a importância, gravidade e responsabilidade da Causa o exigem de quem procura, unicamente, ter o mais rigoroso cuidado nas afirmações.

Por isso transcrevo hoje um dos mais importantes parágrafos que «Th. G.» publicou na Revista de Guimarães — Volume XXXVIII — N.º 3-4 — Julho-Dezembro, 1928 — que diz assim:

«O culto de S. Gualter não estava circunscrito apenas ao território de Guimarães. (...) Dele tiveram notícia os Sumos Pontífices, que enriqueceram a devoção ao Santo com tesouros de indulgências. E assim o Papa Gregório XIII aprovou a confraria erecta em Guimarães, em honra do mesmo Santo, enriquecendo-a com numerosas indulgências, concedidas aos confrades e demais fiéis «que no dia da sua festa visitassem a sobredita capela. Outras muitas lhes concedeu Gregório XV para o tempo da vida e da morte, e mais em particular *in die festivitatis santi Gualteri*, no dia da festa do mesmo Santo, pela bula que começa: *Considerantes*, e foi passada em Roma a cinco do mês de Abril de 1621». Também outorgou por sete anos indulgência plenária para todos os três dias da mesma solenidade, «nos quais se expõe em público o santíssimo Sacramento do altar, a qual graça se foi depois reformando (...).»

NOTAS:

(1) Sublinhamos estas últimas palavras, porque as reputamos na verdade importantíssimas, porque a exposição do SS.º Sacramento, por motivo da festividade de um santo não era freqüente, nem normal na disciplina daquele tempo. E' portanto uma excepção muito notável.» (Nota de «Th. G.»).

(Continua).

EUGÉNIO VAZ VIEIRA.

BENEFICÊNCIA DO «NOTÍCIAS»

Transporte . . . 3.728\$00
Recebemos de A. S. Leite (Café Oriental), cuja importância destinamos à família muito necessitada a que noutro lugar nos referimos 7\$50
A transportar . . . 3.735\$50

Contrastes que ferem

Praia de Ofir. Que quer dizer *Ofir*? Bizantinismo de nome que explora os gostos esquisitos. Se fosse singelamente *Praia de Fão*, a coisa caía na banalidade. Era preciso armar ao *chic*. Para tal, se buscou uma tabuleta de sabor estrangeiro. Isto, porém, não desmerece o valor da obra realizada. Com efeito realizou-se uma obra gigantesca. A iniciativa que transformou um pinhal à beira mar plantado em praia de bom-tom e de bom-gosto, deixou-me, como soe dizer-se, de boca aberta!

Fui ali de passeio. Vi o que ali se fez. As casas, os ninhos pequeninos e amorosos semeados por entre o pinhal de seivas resinosa, deixou-me encantado. Um hotel de linhas arquitetónicas, sóbrias e elegantes, domina esta nascente estância de objectivos turísticos. E pensei ao ver, por dentro e por fora, esta pousada tão confortável e linda, com apenas 35 quartos: — Se fosse na Penha!

Não faço ideia do gesto temerário, audacioso, deste empreendimento industrial num País, como o nosso, onde não há um caudal de estrangeiros a visitar-nos. Ignoro se a *Praia d'Ofir* tem assegurado o seu futuro; se os capitalistas estão satisfeitos com o seu empreendimento hoteleiro. Sei, somente, que tudo quanto vi me impressionou, por ver que nada ali agride a Natureza, tudo ali se concilia e harmoniza com o ambiente marinho — a água, o pinhal, as areias, o azul puríssimo onde as asas das gaivotas perpassam, contrastando com as velas pandas dos barcos de pesca singrando na orla do horizonte, enquanto outros barcos ao longo do litoral recolhem sargaços.

Um tal hotel, como o que vi na *Praia d'Ofir* entre um pinhal e espelhos de água, que bem ficava na Penha! Como lhe daria importância e atrairia os sibaritas dos gostos selectos, mais os modernos endinheirados que usam copiá-los, macaqueadamente!

Ainda há dias me contava um vulto de Guimarães muito discutido e nem sempre bem julgado: que chegou a dar alguns passos seguros para o levantamento de um hotel, à maneira daquele que vi na *Praia d'Ofir*.

Pois foi pena, senhores, que uma tal iniciativa não vingasse. A Penha, mais que essa praia minhota de Fão, destinada aos privilegiados da fortuna, vive no coração de toda a

Colloquium Internacional de Es-tudos Luso-Brasileiros

Deve reunir, em Washington, de 18 a 20 do mês corrente, este notabilíssimo congresso, a cuja representação portuguesa preside o ilustre estadista e Professor universitário sr. Doutor Caeiro da Mata. A representação oficial do nosso país limita-se aos serviços do Ministério dos Negócios Estrangeiros e ao Instituto para a Alta Cultura. Professores universitários e escritores e historiadores de categoria, convidados oficialmente pelo Director da Biblioteca do Congresso de Washington, são de número limitado, mas entre esses estão inscritos os senhores Alfredo Guimarães, director do Museu de Alberto Sampaio, e Coronel Mário de Vasconcelos Cardoso, presidente da Sociedade Martins Sarmento. Esta distinção salienta entre os vimaranenses, a categoria desses ilustres homens de letras.

gente. Montanha alterosa, reúne, mais do que a zona marítima, condições específicas para sanar feridas do urbanismo. Uma construção na Penha com os requisitos que dispensaram ao hotel da praia de Fão, seria a sorte grande da Penha.

Se a Direcção Geral do Turismo voltasse os olhos para a nossa Penha; se se nutrisse de interesse e boa compreensão pelas suas belezas singularmente notáveis, bem podia fazer convergir para este lugar a sua ajuda económica. Enquanto este *milagre oficial* se não dá, limitamo-nos a... sonhar.

Quinta das Aves

A. L. DE CARVALHO.

Jardins e ruas

É muito de louvar o estado de perfeito asseio das ruas de Guimarães, e o cuidado que tem havido na decoração dos jardins, principalmente Toural, largo de 28 de Maio e largo de Martins Sarmento. Louvores sejam dados ao ilustre Presidente do Município.

Outro tanto não diremos do abuso que se faz em Guimarães dos costumados estendais das roupas abusivamente suspensas das janelas, que contrastam em absoluto com o asseio e bom aspecto das ruas.

Seria proveitoso, sob rigorosas multas, acabar definitivamente com esse mau costume das donas de casa.

OS LIVROS E A ARTE DE LER

(Continuado da primeira página)

com isto que ler não consiste em passar superficialmente pelas páginas de qualquer obra sem atentar nos problemas versados. Os temas de meditação do homem, da vida, do universo devem ser repensados por nós segundo os sistemas que adoptámos; as noções, os conhecimentos neles envolvidos devem ser postos ao nosso alcance para recriarmos com o nosso esforço a ciência que nos interessa. Se o livro não nos der o que procuramos, saíremos fora dele, abriremos novos caminhos, entraremos em novas sendas, exploraremos novos domínios.

Pelo grau de dificuldade que tivermos em penetrar no livro, avaliaremos a sua densidade, o seu mérito intrínseco. É claro que nem todos têm o poder de mergulhar profundamente a sonda, preferindo contentar-se com aflorar a obra, lendo-a em diagonal, isto é, abreviadamente, sem se deterem com demora nos passos mais essenciais, de maior vulto.

Cada género literário requer, pois, uma arte de ler. Uma obra superficial, mediocre, não merecerá a nossa atenção. Se encerrar obscuridades, não nos preocuparemos com elas, porque... nada significará.

As outras, as dificuldades dos autores célebres, que aparecerem no decurso do texto, vencê-las-emos com o nosso estudo interpretativo, com o nosso material de conhecimentos, com a nossa perspicácia.

Dissêmos já que esse trabalho fortalece-nos, dando-nos a alegria de compreender, de vencer, como se mata uma charada. A luta, por vezes, é contumaz. «A palavra, como nota Léon-Paul Fargue no prefácio do livro de Meïlis Ghyks — *Sortilèges du verbe, não se revela tão facilmente como se julga, a palavra não se deixa penetrar tão facilmente como se julga por todos aqueles que a queiram violar ou demonstrar.*»

É preciso aprender, primeiro, nesta época tão equívoca, tão confusa, a propriedade ou a força dos termos, a precisão e o poder sugestivo dos vocábulos. Nunca como agora se tornou mister tal empresa, porque as palavras vão mudando de sentido segundo a pessoa que as emprega. Já alguém disse que a palavra foi dada ao homem para... ocultar o seu pensamento. Há quem insinue, deturpe, procure o equívoco, fale uma linguagem sibilar e por fim acabe por cair na maior obscuridade, num nevoeiro cerrado.

Quando o pensamento promana de fonte límpida, fecunda, é clara, forte, impregnado de seiva, estuante de vida. O artista serve-se, como não podia deixar de ser, dos processos enumerados na estilística,

na poética e na retórica, empregando símbolos, metáforas, analogias, alegorias, imagens, ironias, perifrases...

As palavras têm o seu poder de evocação, o seu conteúdo musical, o seu ritmo, o seu colorido, as suas sugestões fonéticas, as suas peculiaridades íntimas, os seus mistérios. Para se ler um livro, se é de real valor, convém ter tudo isso em conta e, ao mesmo tempo, reportarmo-nos à época em que foi escrito, estudar o seu glossário, as referências a acontecimentos ou a factos coetâneos e as repercussões na alma dos leitores.

«*Ler desprevenidamente é, na linda imagem de Fidelino de Figueiredo, como tocar as cordas de um violino sem caixa de ressonância. O público é a caixa de ressonância.*»

Como foi interpretada a obra? Que relações se estabeleceram entre o autor e os respectivos leitores? Que lições nos dá, na época actual?

CONTINUA.

P. S.—As gralhas que têm escapado, hão-de ser emendadas no fim deste trabalho.

Impressões e Comentários

Meu caro amigo

Depois de esclarecido e devidamente arrumado o assunto de que te falei nas minhas três últimas cartas, vamos mudar de cenário.

Falas-me da visita que fizeste a uma Casa de Caridade da tua terra e manifestas o teu pesar por teres constatado que a mesma se encontra com muita falta de recursos para satisfazer o fim a que se destina. Para mim, não foi novidade o resultado da tua visita, porque, infelizmente, as Instituições de beneficência — salvo uma ou outra excepção — padecem do mesmo mal.

Aqui, em Guimarães, acontece a mesma coisa, não obstante algumas pessoas pensarem que essas Casas vivem em regime de fartura ou de abundância, como, por exemplo, a Santa Casa da Misericórdia. Calcula, meu amigo, que há quem cometa a barbaridade de afirmar em público que esta Instituição é rica, que não lhe faltam recursos próprios, porque até tem dinheiro para emprestar por hipoteca!... Queres melhor? Com certeza que tu não precisarás de comentários feitos por mim acerca do conceito que essas pessoas fazem da administração de uma Casa de Caridade, sejam quais forem as modalidades de assistência que a mesma pratica. Esses comentários, tu os faras e eu estou certo de que não deixarás de te revoltar contra semelhantes afirmações, que definem, sem dúvida, as pessoas que as fazem. Porém, a falta de bom senso ou de manifesta ignorância obriga certas pessoas a ridículas relações, mas que para elas são consideradas como manifestações de infinita esperteza ou, então, dizem dispartes dessa natureza com a intenção de amesquinhar as pessoas que apelam para a generosidade humana no sentido desta tornar menos angustiosa a situação financeira da Instituição referida. O que é de lamentar, é que essas pessoas de cérebros tão extraordinários e de tão raras qualidades administrativas não se prontifiquem a fazer o milagre de administrar uma Casa de Caridade sem se tornar necessário recorrer aos rendimentos do capital. Segundo o seu duto critério, gastariam o capital existente e depois... e depois fechariam as portas! E aqui tens o processo como tais pessoas, para as quais se levanta um padeiro à meia noite, seriam capazes de resolver a má situação financeira da Instituição a que te referes na tua carta.

É por isso que eu te digo: — Queres melhor?

Um grande abraço e até breve.

Teu amigo certo

A.

PAINEL DE MALAVENTURANÇAS

XII
«Só é grotesco o que perdeu a significação—mas os foliões com balandra e coroas na cabeça vêm do passado em linha recta e humedecem-me os olhos». *Raul Brandão* (As Ilhas Desconhecidas).

XIII
Toda a guerra encerra o germe de outra guerra, e o que é natural.
Os actos de violência lesam sempre direitos, e estes direitos lesados atraem protestos e reclamações, tarde ou cedo levantados, que terminam por provocar outro conflito violento e nova guerra.

XIV
«A instituição da família é, indiscutivelmente, no conceito de toda a gente sensata, o agregado fundamental e a base mais sólida de toda a organização social. Este princípio é tão axiomático, impõe-se por tal forma à consciência universal, que nenhum espírito normal deixará de sentir e compreender como da boa organização da família depende essencialmente a vida da sociedade»,—*José Tavares*.

XV
«A perda do Brasil teve consequências funestas na vida da nação. E mal de nós se não soubermos fazer, dos rendimentos das colónias que ainda mantemos, um uso diferente do que fizemos das riquezas do Brasil! Seremos então uma nação perdida!».—*Gastão de Sousa Dias* (Cartas de Angola).

XVI
«A associação, quando universal, tem vantagens decididas no futuro da Humanidade, porque o princípio da associação tenderá a transformar o instinto do indivíduo, substituindo-o pela fraternidade e emulação produzidas pelo interesse pessoal».—*Luis Blanc*.

XVII
Nem sempre a *Ciência* é posta ao serviço da Humanidade.
Chamem-lhe muito embora a grande emancipadora que, domesticando as forças da Natureza, a todos deslumbra pelas suas maravilhosas realizações, o certo é que fracassa quando se apercebe que, nos seus vários ramos, visa ao extermínio e à tortura.
E, senão, vejamos:
—*The Bulletin of the Atomic Scientists* afirma que «a areia da morte é a mais leve e a mais facilmente transportável das armas de destruição maciça». Obtendo-se pela absorção dos elementos radioactivos existentes na areia fina ou no pó metálico, diz-nos o supracitado Boletim que «este pó provoca a morte de todo o ser vivo localizado na zona neutralizada, por raios gama» e num espaço de tempo que vai de 15 dias a um mês. E acrescenta: «Numa palavra, a fábrica de Stanford pode produzir a areia de morte bastante para neutralizar 250 quilómetros quadrados».

James Raymond anuncia na *Tribune des Nations* que «a toxina botulínica é uma substância tóxica produzida pelo bacilo *Clostridium botulinum*» e que tem sido preparada sob a forma cristalizada pura.
Um miligrama deste produto basta para preparar 50 milhões de doses mortais aos ratos brancos.
Na esteira destes dados, teremos de convencer-nos, segundo a opinião daquele hebdomadário, que 28 gramas desta toxina serão suficientes

para matar mais de 200 milhões de seres humanos.
—Um grama de germes de *streptococcus* é capaz de produzir males de garganta em cerca de 70 milhões de seres.
—A preparação ordinária de vírus da *psittacose*, que é, afinal, a febre dos papagaios, contera o veneno necessário para, num quarto dessa quantidade, infectar uma população três vezes superior à da Terra.

XVIII
Desconhecemos das razões que levaram o antigo Secretário da Defesa americano, James Forrestal, ao suicídio.
Cremos, no entanto, que, ao tomar conhecimento das investigações bacteriológicas feitas, buscou na morte a sua própria libertação para que não sáíssem mais da sua boca palavras como estas:—«De facto, a guerra bacteriológica nunca foi utilizada em grande escala por qualquer nação. As nossas pesquisas indicavam contudo que os germes ou os seus vírus poderiam ser utilizados como armas de guerra. Constatou-se também depois dos estudos empreendidos neste domínio, durante a guerra, que o trabalho não devia ser despedido em tempo de paz e devia, sim, prosseguir numa escala assás importante para nos fornecer as defesas necessárias e permitir-nos utilizar esta arma no futuro, se tal se tornar necessário».

XIX
«A situação internacional, a situação do mundo, desde o fim da guerra, está determinada pela existência de duas super-potências cujas filosofias e regimens políticos, sociais e económicos são diametralmente opostos.
«A organização internacional, a organização do mundo e a organização da paz, resumem-se na organização da sua existência.
«Não há outra alternativa: co-habitação organizada ou conflagração, porque as esferas dos dois antipodas se tocam e as zonas de contacto são excessivamente nervosas».—*Henri Meyrowitz*.

A poupa suja na ponte das Taipas
Dissémos aqui, aliás com o mais independente propósito, que parecia mal, mesmo muitíssimo mal, que as roupas sujas lavadas nas margens do Ave, junto das Caldas das Taipas, fossem espetáculo vergonhoso e de inferior critério turístico quando estendidas, parece que com sistematizado cinte, sobre as guardas do venerando pontilhão românico—que é monumento nacional.
Ao ilustre e infatigável presidente do Município de Guimarães recomendamos o assunto, tanto mais fácil quanto é certo que ali existe um zelador pago pela Câmara Municipal deste concelho.

Experimente V. Ex.^a mandar executar os seus trabalhos na
TIPOGRAFIA IDEAL
A Tipografia Ideal é uma casa nova com material novo, possui pessoal competente e os seus preços são honestos.

Tipografia IDEAL
Telefone, 4381
RUA DA RAÍNHA
GUIMARÃES

VENDEM-SE 5 teares manuais com máquina Jacquard, 1 urdideira horizontal, licença condicionada para algodão, seda, linho e mistos, licença para tinto e vários utensílios. Informa-se nesta Redacção.

Exemplo de da cidade

BOCETIM EGEGANTE

Aniversários natalícios
Fizeram e fazem anos:
No dia 7, a sr.^a D. Ana da Glória Belino Pereira Mendes de Oliveira; no dia 9, o sr. D. António Paço Vitorino (Visconde de Cortegaça); no dia 10, a sr.^a D. Maria Augusta Monteiro Dias de Castro, esposa do nosso amigo sr. dr. Mário Dias Pinto de Castro e os nossos prezados amigos srs. Arnaldo de Sousa Guise, dr. António Rodrigues da Rocha, Paulo Tiago Monteiro Dias de Castro e João Ribeiro Dias; no dia 11, a sr.^a D. Maria da Madre-de-Deus Almeida Ribeiro, esposa do nosso prezado amigo sr. José Torcato Ribeiro Júnior e o nosso prezado amigo sr. Bernardino Faria Martins; no dia 12, o nosso estimado amigo sr. capitão Henrique Alberto de Sousa Guerra Júnior; no dia 14, os nossos prezados amigos srs. Rogério da Silva Crespo Guimarães e Vasco Oliveira Bastos; no dia 15, os nossos prezados amigos srs. Luís Filipe Coelho, nosso distinto colaborador e Augusto Joaquim da Silva, estimado solidificador desta comarca.

«Notícias de Guimarães» apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

Partidas e chegadas
Bispo da Guarda—Depois de haver passado algumas semanas nesta cidade, em casa de sua família, regressou ante-ontem à sua diocese o Rev.^{mo} Senhor D. Domingos Gonçalves, Bispo Coadjuutor da Guarda.
*
Regressou de Carvalhelhos o nosso prezado amigo sr. Artur Fernandes de Freitas.
—Com sua família partiu para as suas propriedades de Gandarela de Basto a sr.^a D. Antónia Passos Teixeira Bastos.
—Com sua família encontra-se nas suas propriedades da Póvoa de Lanhoso o nosso prezado amigo sr. Joaquim Ribeiro da Silva.
—Regressou, com sua família, da Caparica o nosso prezado amigo sr. Joaquim Ferreira.
—De S. Vicente (Douro) com sua esposa, regressou a V. N. Gaia, o nosso prezado amigo e distinto colaborador sr. Delfim de Guimarães.
—Deu-nos há dias o prazer da sua estimada visita a sr.^a D. Lucinda dos Anjos Pimenta.
—Com sua família regressou a esta cidade o nosso prezado amigo sr. Gaspar Gonçalves Coelho.
—De Nine regressou com sua família a S. Torcato o nosso prezado amigo e distinto colaborador sr. Professor Martins de Lima.
—Deve regressar hoje de França a esta cidade o nosso prezado amigo e distinto advogado sr. Dr. Fernando Ayres.
—Regressou do estrangeiro o nosso prezado amigo e hábil contabilista sr. António Vieira da Cruz Júnior.
—Regressou da sua viagem a Roma, o nosso prezado amigo e ilustre Professor de Moral do Liceu, sr. P.^o Avelino Pinheiro Borda.
—Partiu para Caldelas o nosso prezado amigo sr. Carlos Alberto Cardoso.
—Com sua família regressou de Cepães, Fafe, o nosso bom amigo sr. Domingos Cosme Baptista Vieira.

Doentes
Esteve bastante doente, mas vai felizmente a melhor, a esposa do nosso querido amigo sr. Delfim de Guimarães. Desejamos o seu breve e completo restabelecimento.

Casamentos
No Mosteiro de Santa Marinha da Costa consorciaram-se no pretérito domingo a menina Maria das Dores Carvalho Costa, filha da sr.^a D. Idalina Pereira da Costa e do sr. Manuel Pinto de Carvalho Júnior, funcionário dos CTT desta cidade e o sr. Manuel Ribeiro Ferreira de Matos, filho da sr.^a D. Júlia Gonçalves Ribeiro e do sr. Joaquim José Ferreira de Matos, de Barcelos (Vilar dos Figos).
Paraninfaram o acto por parte da noiva seu pai e sua tia a sr.^a D. Maria das Dores Pinto de Carvalho e por parte do noivo seu pai e sua tia a sr.^a D. Ana da Silva Ferreira, sendo celebrante o rev. António Teixeira de Carvalho que dirigiu aos nubentes uma paternal alocução.
Em casa dos pais da noiva foi servido depois um «copo d'água», partindo os noivos em seguida para o Alto Minho em viagem de núpcias.
Desejamos-lhe as maiores felicidades.

Esta a melhor homenagem; e que brilhe para Ele, eternamente, a Luz Perpétua no seio de Deus—aonde piamente O creio!—é a prece comovida que a minha alma, cheia de entristecida e enternecida grande saudade, eleva, de joelhos, pelo Seu eterno descanso!
Guimarães, 2 de Outubro de 1950.
EUGÉNIO VAZ VIEIRA

UM APELO AOS NOSSOS LEITORES

Vieram recomendar-nos uma família que vive em aflição situação, com falta de recursos e doença de gravidade em casa.
Aos nossos leitores recomendamos o caso, certos de que quaisquer donativos que nos entreguem irão enxugar lágrimas e valer àquela tamanha desventura.
V. EX.^a precisa de comprar calçado para a próxima estação de INVERNO?
Visite a Sapataria Oliva onde encontrará o mais variado sortido e as mais recentes criações da MODA.

SAPATARIA OLIVA

Rua de Santo António, 48-54
GUIMARÃES

da cidade

BOCETIM EGEGANTE

BOCETIM EGEGANTE
Aniversários natalícios
Fizeram e fazem anos:
No dia 7, a sr.^a D. Ana da Glória Belino Pereira Mendes de Oliveira; no dia 9, o sr. D. António Paço Vitorino (Visconde de Cortegaça); no dia 10, a sr.^a D. Maria Augusta Monteiro Dias de Castro, esposa do nosso amigo sr. dr. Mário Dias Pinto de Castro e os nossos prezados amigos srs. Arnaldo de Sousa Guise, dr. António Rodrigues da Rocha, Paulo Tiago Monteiro Dias de Castro e João Ribeiro Dias; no dia 11, a sr.^a D. Maria da Madre-de-Deus Almeida Ribeiro, esposa do nosso prezado amigo sr. José Torcato Ribeiro Júnior e o nosso prezado amigo sr. Bernardino Faria Martins; no dia 12, o nosso estimado amigo sr. capitão Henrique Alberto de Sousa Guerra Júnior; no dia 14, os nossos prezados amigos srs. Rogério da Silva Crespo Guimarães e Vasco Oliveira Bastos; no dia 15, os nossos prezados amigos srs. Luís Filipe Coelho, nosso distinto colaborador e Augusto Joaquim da Silva, estimado solidificador desta comarca.

Pedido de casamento
Pelo sr. Joaquim de Almeida Guimarães, conceituado industrial em S. Miguel de Creixomil e sua esposa, foi pedida em casamento, no passado dia 28 para seu filho o sr. José Rodrigues de Almeida, a gentil menina Maria Manuela Soares Vasques, filha do Tenente da Armada sr. Manuel Maria Coelho Vasques e da sr.^a D. Maria Eduarda Soares Vasques.
O enlace realizar-se-á brevemente.
Aos noivos antecipamos os nossos votos de muitas venturas.

VIDA CATÓLICA

Festa da Coroação de N. S.^a de Fátima em Cerzedelo
O proprietário sr. Plácido Pinto Teixeira da Costa, da casa de Calvos, acaba de oferecer uma rica coroa, que a oficina desta cidade, de Sousa & Coelho, preparou, para coroar a imagem da Senhora de Fátima, que há anos, a sua mãe, a sr.^a D. Emília Maia Alves Lopes, ofereceu, também, e se venera com muita devoção na igreja desta freguesia.
Para esta festa é grande a animação e alegria em todos os moradores desta freguesia.
O programa a cumprir é o seguinte:
De 8 a 14, pregação de tarde e de manhã.
Nos dias 13 e 14, confissões.
No dia 14, à noite, procissão que sairá da Capela de S. Bartolomeu até à Igreja, com alocução.
Dia 13, da parte de manhã: às 5,30, Missa e comunhão geral para adultos; às 7,30, concentração de todas as crianças para acompanhar 46 meninas e 50 meninos que vão prestar juramento de Fé Católica e fazer a Comunhão Solene, com Missa, às 8 horas. Às 11, Missa Solene, cantada, a grande orquestra.
Da parte de tarde: Às 14 horas, terço e bênção; coroação da Virgem, no largo do Calvário; apoteose, procissão com a imagem coroada e outros andores, anjinhos, etc.
No fim, serão distribuídos prémios às crianças e será prestada homenagem a três benfeitores da freguesia, que são os srs. Abílio José Pimenta, Hilário Marques Rodrigues e Plácido Pinto Teixeira da Costa, cujas fotografias serão inauguradas nessa ocasião, no salão nobre da freguesia, onde já estão, também, os retratos doutros benemeritos.
As solenidades de domingo serão abrilhantadas pela excelente banda musical do Pevidém, uma das melhores bandas civis do norte.
As restantes cerimónias serão, durante toda a semana, transmitidas por aparelho sonoro (alto-falantes), de Famalicão.

FALECIMENTOS E SUPRÁGIOS

Rosa Alves de Oliveira
Na sua casa em Serzedelo finou-se no penúltimo sábado, contando 84 anos de idade, a sr.^a D. Rosa Alves de Oliveira, mãe do nosso prezado amigo sr. Joaquim de Oliveira, conceituado comerciante na mesma freguesia e avó das sr.^{as} D. Maria de Sousa Oliveira e D. Alzira de Sousa Pinto, casada com o sr. Clemente Pinto Rodrigues da Costa.
O seu funeral que esteve muito concorrido realizou-se no passado domingo às 17 horas para o cemitério da mesma freguesia, tendo-se incorporado no préstito muitas pessoas.
A toda a família dorida e em especial ao nosso amigo sr. Joaquim Oliveira, apresentamos sentidas condolências.
D. Rupelina Cândida Feireira Vieira
Finou-se nesta cidade, confortada com todos os sacramentos da S. M. Igreja a sr.^a D. Aurelina Cândida Feireira Vieira, cujo funeral se efectuou na terça-feira de manhã para o cemitério de Atougia.

—No Santuário de Nossa Senhora do Sameiro, em Braga, consorciaram-se ontem a gentil menina Maria de Lourdes da Conceição Malheiro da Cunha Lima, filha da sr.^a D. Maria da Conceição Malheiro da Cunha Lima e do sr. António da Cunha Lima, de S. Martinho de Campo, já falecidos e o nosso estimado amigo sr. João Abreu Coelho de Lima, filho da sr.^a D. Belém de Abreu Leite Lima e do conceituado industrial e também nosso prezado amigo sr. Albano Martins Coelho de Lima, decorrendo o acto, a que presidiu o Rev. José Gonçalves, num ambiente de grande intimidade.
Testemunharam o acto, por parte do noivo, seus pais e por parte da noiva seu irmão sr. Francisco Xavier Malheiro da Cunha e sua prima senhora D. Joana Maria Coelho de Lima.
Após a cerimónia religiosa e num hotel da Estância foi servido aos noivos e seus convidados um almoço, que deu motivo a que os noivos fossem muito brindados.
Aos simpáticos nubentes, ambicionamos as maiores venturas.

Pedido de casamento
Pelo sr. Joaquim de Almeida Guimarães, conceituado industrial em S. Miguel de Creixomil e sua esposa, foi pedida em casamento, no passado dia 28 para seu filho o sr. José Rodrigues de Almeida, a gentil menina Maria Manuela Soares Vasques, filha do Tenente da Armada sr. Manuel Maria Coelho Vasques e da sr.^a D. Maria Eduarda Soares Vasques.
O enlace realizar-se-á brevemente.
Aos noivos antecipamos os nossos votos de muitas venturas.

VIDA CATÓLICA
Festa da Coroação de N. S.^a de Fátima em Cerzedelo
O proprietário sr. Plácido Pinto Teixeira da Costa, da casa de Calvos, acaba de oferecer uma rica coroa, que a oficina desta cidade, de Sousa & Coelho, preparou, para coroar a imagem da Senhora de Fátima, que há anos, a sua mãe, a sr.^a D. Emília Maia Alves Lopes, ofereceu, também, e se venera com muita devoção na igreja desta freguesia.
Para esta festa é grande a animação e alegria em todos os moradores desta freguesia.
O programa a cumprir é o seguinte:
De 8 a 14, pregação de tarde e de manhã.
Nos dias 13 e 14, confissões.
No dia 14, à noite, procissão que sairá da Capela de S. Bartolomeu até à Igreja, com alocução.
Dia 13, da parte de manhã: às 5,30, Missa e comunhão geral para adultos; às 7,30, concentração de todas as crianças para acompanhar 46 meninas e 50 meninos que vão prestar juramento de Fé Católica e fazer a Comunhão Solene, com Missa, às 8 horas. Às 11, Missa Solene, cantada, a grande orquestra.
Da parte de tarde: Às 14 horas, terço e bênção; coroação da Virgem, no largo do Calvário; apoteose, procissão com a imagem coroada e outros andores, anjinhos, etc.
No fim, serão distribuídos prémios às crianças e será prestada homenagem a três benfeitores da freguesia, que são os srs. Abílio José Pimenta, Hilário Marques Rodrigues e Plácido Pinto Teixeira da Costa, cujas fotografias serão inauguradas nessa ocasião, no salão nobre da freguesia, onde já estão, também, os retratos doutros benemeritos.
As solenidades de domingo serão abrilhantadas pela excelente banda musical do Pevidém, uma das melhores bandas civis do norte.
As restantes cerimónias serão, durante toda a semana, transmitidas por aparelho sonoro (alto-falantes), de Famalicão.

FALECIMENTOS E SUPRÁGIOS
Rosa Alves de Oliveira
Na sua casa em Serzedelo finou-se no penúltimo sábado, contando 84 anos de idade, a sr.^a D. Rosa Alves de Oliveira, mãe do nosso prezado amigo sr. Joaquim de Oliveira, conceituado comerciante na mesma freguesia e avó das sr.^{as} D. Maria de Sousa Oliveira e D. Alzira de Sousa Pinto, casada com o sr. Clemente Pinto Rodrigues da Costa.
O seu funeral que esteve muito concorrido realizou-se no passado domingo às 17 horas para o cemitério da mesma freguesia, tendo-se incorporado no préstito muitas pessoas.
A toda a família dorida e em especial ao nosso amigo sr. Joaquim Oliveira, apresentamos sentidas condolências.
D. Rupelina Cândida Feireira Vieira
Finou-se nesta cidade, confortada com todos os sacramentos da S. M. Igreja a sr.^a D. Aurelina Cândida Feireira Vieira, cujo funeral se efectuou na terça-feira de manhã para o cemitério de Atougia.

COOPERATIVA
'A. EDIFICADORA DE GUIMARÃES'
COM SEDE EM GUIMARÃES
Faz-se público que, por escritura de 19 de Setembro de 1950, lavrada na Secretaria Notarial de Guimarães, no meu livro de notas n.^o 440 a folhas 17 verso e seguintes, foi constituída uma sociedade sob a denominação de **Cooperativa 'A. Edificadora de Guimarães'**, sociedade cooperativa de responsabilidade limitada, com sede nesta cidade, com o capital social ilimitado e variável, do mínimo de 1.000\$00, o qual é representado por acções nominativas de 100\$00 cada uma que só poderão ser transmitidas com autorização da Direcção, a qual se destina à construção de casas económicas para os seus associados e aquisição dos respectivos terrenos e ainda à compra de casas já construídas, podendo ser admitidos como sócios todos os indivíduos de ambos os sexos que estejam no pleno gozo dos seus direitos civis; os menores também poderão ser admitidos quando representados por seus pais, tutores ou encarregados de educação, que serão os seus responsáveis, devendo todos eles ser propostos por um sócio no pleno gozo dos seus direitos.
Guimarães e Secretaria Notarial, 20 de Setembro de 1950.
O Notário, 457
Eduardo Borges Vieira de Mascarenhas.

NUM HOTEL DA BAIXA, ONDE SE ENCONTRAVA HOSPEDADO, FALLEceu, em Lisboa, súbitamente, pelas 20 horas, o juiz Conselheiro dr. José Joaquim Coimbra, Presidente do Supremo Tribunal de Justiça e uma das mais nobres e venerandas figuras da magistratura portuguesa.
Membro do Conselho de Estado e Presidente do Conselho Superior Judiciário, o Conselheiro José Joaquim Coimbra, irmão do falecido professor Leonardo Coimbra, teve uma brilhante carreira de magistrado.
Era natural da Lixa, concelho de Felgueiras, e contava 69 anos, tendo exercido as funções de juiz nas comarcas de Caminha, Ponte do Lima e Braga, e, mais tarde, de Presidente da Relação do Porto.
Deixa viúva a sr.^a D. Laura Pinto Coimbra.
O extinto era também irmão do sr. Dr. António Coimbra, médico na Vila da Lixa e tio do nosso amigo sr. José Joaquim Coimbra e da esposa do também nosso prezado amigo sr. António Alberto Pimenta Machado.
O seu cadáver foi removido para a Lixa onde anteontem à tarde e com a assistência de numerosas pessoas, entre as quais o sr. Ministro da Justiça e outras altas individualidades, se efectuou o funeral que constituiu uma grande manifestação de pesar.
Apresentamos as nossas condolências a toda a família do ilustre finado.

DIVERSAS NOTÍCIAS
Serviço de Farmácias
Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia do «Laboratório Hórus», ao L. do Toural.

VENDE-SE
Moinho de café, manual, em bom estado e preço.
Também se vende estantaria de madeira, em bom estado de conservação. 432
Informa-se nesta redacção.

MÁQUINAS
ESBORBUCA - CUCURUCAR - ROBOTIZADORAS
A sua máquina não funciona!... Não escreve!... Desalinha!... V. Ex.^a não se preocupe. Ao Campo da Feira, 42, encontrará V. Ex.^a Agente de Comércio que se encarrega de lhe entregar devidamente reparada de um dia para o outro com absoluta G A R A N T I A .

COOPERATIVA
'A. EDIFICADORA DE GUIMARÃES'
COM SEDE EM GUIMARÃES
Faz-se público que, por escritura de 19 de Setembro de 1950, lavrada na Secretaria Notarial de Guimarães, no meu livro de notas n.^o 440 a folhas 17 verso e seguintes, foi constituída uma sociedade sob a denominação de **Cooperativa 'A. Edificadora de Guimarães'**, sociedade cooperativa de responsabilidade limitada, com sede nesta cidade, com o capital social ilimitado e variável, do mínimo de 1.000\$00, o qual é representado por acções nominativas de 100\$00 cada uma que só poderão ser transmitidas com autorização da Direcção, a qual se destina à construção de casas económicas para os seus associados e aquisição dos respectivos terrenos e ainda à compra de casas já construídas, podendo ser admitidos como sócios todos os indivíduos de ambos os sexos que estejam no pleno gozo dos seus direitos civis; os menores também poderão ser admitidos quando representados por seus pais, tutores ou encarregados de educação, que serão os seus responsáveis, devendo todos eles ser propostos por um sócio no pleno gozo dos seus direitos.
Guimarães e Secretaria Notarial, 20 de Setembro de 1950.
O Notário, 457
Eduardo Borges Vieira de Mascarenhas.

FUTEBOL

Resultado lisonjeiro para o Vitória de Guimarães

De facto, não é ousada tal afirmação, em face da mediocre actuação da turma vimaranense que, empatando a uma bola com o seu homónimo de Setubal, concorreu para que se intensificasse a densa atmosfera de pouca confiança nas suas possibilidades, que se vem acumulando, desde o início do torneio, no espírito da maior parte da massa associativa e simpaticante.

Teve acção predominante na actuação dos locais, a contribuição manifestadamente improduttiva e falha de tática do trio central atacante que, conduzindo quase sempre as jogadas pelo plano perpendicular às redes do seu antagonista, colocou os respectivos extremos em inactividade forçada, obrigando estes, por sua vez, a meterem-se, também, no «barulho» junto das balizas setubalenses, onde os lances se sucediam sem nexo e os remates sem a direcção devida.

O primeiro quarto de hora pertenceu totalmente aos vimaranenses, pois estes começando bem organizados, desenvolveram um jogo de textura rápida, com lances em profundidade pelos extremos, o que fazia antever um triunfo fácil e a confirmação da obtenção de dois pontos dados como certos.

Contudo, os locais não mantiveram esta toada de jogo, não só por falta de visão do trio atacante, mas também mercê da forte oposição dos visitantes que, quer pela marcação certa sobre os avançados vimaranenses, quer pelo despacho decisivo e oportuno, não temendo provocar cantos, frustraram, deste modo, as tentativas adversárias.

Foi este o início da quebra da fugaz supremacia técnica dos jogadores vimaranenses e dos indícios de um bom futebol.

Aproveitando-se deste facto, os setubalenses começaram a fazer inclinar tal vantagem para seu lado, promovendo incursões rápidas ao campo vitoriano, com jogadas conduzidas pelo seu extremo esquerdo que, ultrapassando com facilidade Alfredo, criou sérias preocupações à defensiva local, pelo que Silva foi chamado a intervir com frequência.

No recomeço da luta, os visitantes decididos a imporem-se no terreno, principiaram por delinear jogadas de passes rápidos e precisos, elaboradas pelos seus interiores de parceria com os médios alas, e assim se foram infiltrando na grande área dos vimaranenses; mas estes, com Cerqueira a actuar impeccável e eficazmente, iam aniquilando as suas arremetidas.

Porém das frequentes insistências, aos 12 minutos, surgiu o primeiro ponto de Setubal, obtido por Nunes, que finalizou bem uma troca de passes entre o trio avançado.

E o desânimo dos adeptos vimaranenses redobrou e o pouco entusiasmo que reinava entre o público passou a silêncio quase que sepulcral...

Mas os locais, instigados pela desvantagem, e procurando tomar ascendente, foram forçando a muralha defensiva contrária, mas sem êxito, visto que «teimaram» em conduzir o ataque sempre pelo mesmo lado, o centro da grande área, onde se aglomeravam quase todos os jogadores visitantes, que não permitiam uma brecha, nem os visitados, por mérito próprio, a conseguirem. Com um pouco de subtilidade,

os vitorianos talvez vissem coroados de êxito os seus esforços em aligeirar o desnível, se procurassem descongestionar a aglomeração que constantemente provocaram em frente das balizas adversárias.

O empate foi estabelecido por Fernando Mota que, de posse duma bola despachada por Mota, progredindo no terreno velozmente, ultrapassou o defensor que o marcava e com um toque raso e colocado bateu o guardaio setubalense.

Estava-se a 20 minutos do final.

Os vimaranenses animados pelo público, forçaram o andamento do jogo, fazendo recolher os visitantes à defensiva, e, assim, aos 35 minutos, Frankim apareceu isolado em frente de Carvalho que, oportuno e dando dois ou três passos, conseguiu desviar a bola no momento em que aquele jogador dava um toque na mesma ao procurar passá-la por cima da sua cabeça.

No seguimento da jogada, o referido jogador vimaranense insistiu, cabeceando a bola ao mesmo tempo que o guardaio visitante «mimoseava» a cara de Frankim com uma palmada, o que motivou o assinalamento de grande penalidade, que não chegou a ser executada, visto o árbitro ter dado o dito por não dito, após ter «ouvido» os jogadores visitantes e depois de consultar o fiscal de linha.

Até ao momento deste incidente o trabalho do sr. Anizio Morgado foi de uma autoridade absoluta e impecável. Depois descontrolou-se.

A formação dos grupos foi a seguinte:

Vitória (G.) — Silva, Alfredo e Costa; Magalhães, Cerqueira e Vieira; Fernando Mota, Rebelo, Mota, Brioso e Frankim.

Vitória (S.) — Carvalho, Jacinto e Orlando; Pina, Primo e Madaleno; Campos, Galaz, Batalha, Nunes e Vasco.

F. Camisão.

Conselho Municipal

Sob a presidência do sr. Presidente da Câmara, secretariado pelos srs. Conselheiros José Maria de Magalhães Couto e Mário de S. Meneses, reuniu, na penúltima 6.^a feira, o Conselho Municipal para apreciação e discussão do Plano de Actividades para o próximo ano de 1951.

Depois do sr. Presidente declarar aberta a sessão, usou da palavra o conselheiro sr. Francisco de Assis Pereira Mendes, que fez detalhadas considerações sobre o mesmo Plano, acerca das quais foi devidamente esclarecido pelo sr. Presidente, que, assim, justificou o critério a que obedeceu a elaboração do segundo Plano, que continua a ter como objectivo principal a conclusão do problema da água em todos os seus pormenores.

Falaram em seguida, os srs. Conselheiros Dr. Alfredo Bravo, José de Oliveira Pinto, José Maria de Magalhães Couto e Mário de Sousa Meneses, tendo este proposto que o Plano em discussão fosse aprovado e que a sua execução obedece, tanto quanto possível, aos desejos manifestados, no decorrer da sessão, pelos srs. Conselheiros presentes.

Dirigindo-se ao sr. Presidente, pôs em destaque a sua acção na Presidência do Município, quanto à forma como tem procurado interessar-se pela realização de certos melhoramentos, designadamente o da conclusão da 1.^a fase do abastecimento de água à Cidade, justiça que nenhuma pessoa de boa fé lhe deverá regatear e pelo que o considerava digno de ser louvado pelo Conselho.

Quer a primeira, quer a segunda parte desta proposta foram aprovadas por unanimidade. Finalmente, o Conselho aprovou a deliberação da Câmara referente às percentagens sobre as contribuições a cobrar em 1951 e, bem assim, as bases do orçamento ordinário para o mesmo ano.

Canonização dos Santos

(Continuação da 1.^a página)

servaram para o Papa o direito de canonização. A princípio houve alguma oposição da parte dos bispos, mas por fim tudo entrou na ordem, com Inocêncio III.

Foi Bento XIV que expôs as normas a seguir para a canonização dos santos. O Direito Canónico, publicado por Pio X declara minuciosamente as normas do processo a adoptar.

Vemos pois que o processo da canonização dos santos passou por três fases, sendo a primeira o culto público prestado pelo povo, a segunda, a inscrição feita pelos bispos no Martirologio da sua diocese e finalmente, reservada ao Papa, a partir do século XII.

A canonização actualmente passa por um processo muito rigoroso e apertado e minucioso, começando na diocese do fiel cuja causa se pretende introduzir. O bispo local promove uma investigação rigorosa, abrindo um inquérito.

Os resultados são transmitidas a Roma e a Sagrada Congregação dos Ritos examina a causa. Se o seu parecer for favorável, a causa é introduzida e o fiel é proclamado venerável. Pode então prosseguir o estudo da causa.

Se se verificar que o servo de Deus teve todas as virtudes cristãs heróicas, e que por sua intercessão se verificaram ao menos 3 milagres, absolutamente confirmados, a Sagrada Congregação aprova e o Papa publica o Breve da Beatificação. O culto devido aos Beatos tem muitas restrições.

A Beatificação é simplificada se o bispo local provar que o venerável tem um culto imemorial. Depois pode abrir-se o processo de Canonização. Procede-se ao exame dos escritos do Bemaventurado, se os tem, à crítica da sua vida e virtudes e à discussão profunda dos milagres por ele obtidos.

O promotor (advogado do diabo) apresenta as objecções. Os debates realizam-se em Consistórios sucessivos, presididos pelo Papa. Terminados estes e depois de os Cardeais terem dado a sua opinião, indica-se o dia da canonização.

Esta cerimónia solene é seguida de uma Bula Pontifical, que leva ao conhecimento da Cristandade o decreto promulgado em favor do novo Santo. Só depois disto é que o beato pode ter culto público universal.

Farmacêutico Admite-se, para trabalhar, na Farmácia Arnaldo Ribeiro, da Costa do Vado. 454

Dirigir propostas e condições ao mesmo.

Alvarás Compram-se 2 alvarás que tenham as seguintes características: 445

Tear mecânico com a largura de pente 2,35 liso. Informa esta Redacção.

Terminada a sessão, compareceu o Engenheiro Urbanista, sr. Moreira da Silva, que, a pedido do sr. Presidente do Município, elucidou os membros do Conselho Municipal relativamente ao critério a que obedeceu a elaboração do Anti-Plano de Urbanização da cidade, esclarecendo vários pormenores e focando as principais vantagens que resultam dessa urbanização.

Esta troca de impressões teve em vista habilitar o Conselho Municipal a pronunciar-se oportunamente sobre o referido Anti-Plano e isso deu motivo a que alguns dos srs. Conselheiros Municipais pedissem ao sr. Engenheiro Urbanista certos elementos de informação respeitantes ao assunto em questão.

IMITAÇÕES

Continuação

pria banalizando a personalidade alheia. Anda cá personalidade que te quero ver...

Deve existir ainda, ali ou acolá, a verdadeira personalidade, que é como quem diz, a originalidade, porém essa excepção à regra, agulha em palheiro, parece comprometer os detentores da prenda acusados, amiúde, de imitarem os seus imitadores... Uma salgalhada!

Fulana a representar imita a Palmira, Cicrano a dançar imita o Francis, aquela a cantar imita a Maria Clara, Beltrano a escrever imita o Julio Dantas, aquele a lidar imita o Manoete, este a declamar imita o Villaret, o reverendo Tal imita o Padre Américo...

E por aí fora, decalques, macaquices, repetições, mais parecem interminável desdobramento de personalidades... Ainda se ficassem por aqui — vá. Do mal o menos. O que mais enfastia é a imitação generalizar-se, no vestir, no calçar, no andar, no falar.

O calão enriquece. Qualquer patacoada proferida diante de meia dúzia de patetas-alegres, corre de boca em boca, até à consagração da patacoada seguinte.

Tyrone Power, com a sua efeminada elegância, durante bastantes anos serviu de espelho à fina flor da rapaziada indígena... Carmen Miranda ditou leis com os pés — impondo a extravagância dos seus sapatos mirabolantes. Lembra-se do ridículo penteado à Verónica Lake? Teve imensas imitadoras portuguesas convertidas em irrisórias caricaturas. A enchente de divórcios prestes a arrazar o globo outra origem não acusa senão o deletério exemplo de Hollywood. Lá usa-se casar de manhã e descasar à tarde...

A mania da imitação não conhece limites, chega aos piores extremos.

Depois do desastre de automóvel entrando pelo Tejo dentro com os seus três ocupantes — marido, mulher e filho — outro automóvel mergulhou, no mesmo local e pelo mesmo processo, levando também pai e filha — trágica imitação.

Ainda recentemente, no 3.º Juízo Criminal da Boa Hora, respondeu o trabalhador rural João Veiga Leitão, de Loures, por premeditada tentativa de homicídio contra uma sobrinha de nove anos de idade, criada por ele como filha desde os dois anos. O João Veiga Leitão desgostoso por ver maltratada a sobrinha por uma ruim mulher chamada Vera Hilária a quem alugara parte de casa, confidenciou a diversas pessoas a sua cisma de andar a mais no mundo e tencionar ausentar-se — na companhia da sobrinha, claro...

O réu confessou. Todas as testemunhas, no entanto, disseram dele o melhor possível abonando o seu bom coração, o passado honesto, e o tribunal absolveu-o, mandando-o em paz.

Tout est bien...

Mas vem a propósito perguntar: a pequenita continua entregue ao tio?!

E se ele um dia recair nas suas ideias negras e fizer o dito verdadeiro?...

Ludovina Frias de Matos.

Cadela coelheira Desapareceu, no Domingo, 1 de Outubro, no Monte de Atães (Ribeiro Giestal), pelagem amarela clara e branca, felpuda, raça barbaças, dando pelo nome de «Cozinheira», com chapa na coleira da Câmara de Guimarães, n.º 2151.

Gratifica-se a quem a entregar ou disser o seu paradeiro, na Fábrica de Tecidos do Cano (Cano — Guimarães) e procede-se a todo o tempo contra quem a retiver. 458

Teatro Jordão

NOITE, N'S 15 E 21 HORAS

APRESENTA

Sensacional reposição!

A CARÇA DA BRIGADA LIGEIRA

com

Errol Flynn-Olivia De Havilland.

TERÇA-FEIRA, 10 -- N'S 21 HORAS

Uma nova aventura do irresistível inolvidável «Ama Seca». O que acontece quando o aluno sabe mais do que o mestre!

O GÉNIO NO COLÉGIO

com

Clifton Webb - Shirley Temple.

QUINTA-FEIRA, 12 -- N'S 21 HORAS

A MULHER DE BRANCO

com

Eleanor Parker - Alexis Smith.

Nasceu da vingança...

Vive no mistério...

Qual é o seu sinistro segredo?

SÁBADO, 14 -- N'S 21 HORAS

EM SESSÃO POPULAR

Apunhalaram o morto

BREVEMENTE: 453

O que viram os meus olhos

Malho de Caída Livre (BALANCÉ)

CARACTERÍSTICAS:

Peso bruto..... 800 quilos
» da massa..... 200 »
Altura máxima da caída da massa... 2 metros
Largura do balancé... 0,48
Lado..... 0,32
Diâmetro dos volantes 0,40

INFORMA: Augusto de Magalhães — Agência Gomes Alves — Guimarães. 449

FOGÃO EM BOM ESTADO

Vende-se circular, com 2 fornos, para assar, com duas estufas, serpentina e cilindro em cobre para água quente, próprio para Hotel, Pensão ou casa de movimento. Falar a José Rodrigues — Travessa dos Bimbais — Guimarães. 428

Sapataria Oliva

Rua de Santo António, 48-54 GUIMARAES

Esta casa acaba de receber um grande sortido de Calçado de Agasalho em todos os géneros e aos melhores preços.



MÁQUINAS DE COSTURA

Fonseca, Dunkel & C.^a, L.^{da}, Concessionários Regionais do Norte das máquinas de costura portuguesas OLIVA, comunicam que a firma A. J. OLIVEIRA, FILHOS & C.^a, L.^{da}, proprietária das bem conhecidas Oficinas Metalúrgicas OLIVA, de S. João da Madeira, acaba de lhes entregar a concessão para a distribuição das suas magnificas máquinas no distrito de Braga, em virtude do pedido de desistência apresentado pela firma A. ELÉCTRICA, L.^{da}, de Vila Nova de Famalicão, motivado pela necessidade desta casa se dedicar exclusivamente aos bem conhecidos ramos de negócio que vem explorando de há anos.

A ELÉCTRICA, L.^{da}, continuará, porém, a nosso pedido, com a Agência OLIVA de Vila Nova de Famalicão.

Aproveitamos para à mesma firma reiterar os nossos agradecimentos por todas as facilidades que gentilmente nos tem concedido para o desempenho da nossa missão.

Porto, Outubro de 1950.

455

Agentes Transitários e Camionistas

Encarregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação. Sua Recolha ou entrega no Domicílio.



Casa fundada em 1882

ESCRITÓRIOS: Rua Nova de Afândega n.º 67 — PORTO com Armazém de Retém e Depósitos (Área coberta: 3.000 metros quadrados)

EM MATOSINHOS: R. de Brito Capelo n.º 912 e R. de Roberto Ivens n.º 903 Telefones: 21075 e 21074 — Mat. 647 — Est. 57

Explicações Pessoa devidamente habilitada e com muita prática lecciona a meninos e meninas para Liceu. Curso Comercial e Industrial, Exames de admissão ao Liceu e Curso Comercial. Exames para o 1.º e 2.º graus de Instrução Primária. Pedir informações nesta Redacção, telefone n.º 4513. 434

Motores VAP para bicicletas

Esmagadores - Prensas Ferramentas e alfiães agrícolas AOS MELHORES PREÇOS

L. NUNES PINTO À FEIRA DO PÃO

ATENÇÃO!

Casa particular de respeito aceita estudantes meninas ou meninos. 414

Esta Redacção informam.

BILHARES Vendem-se 3, juntos ou separados. Falar no Café do Toural. 438